

KALINA FERNANDES GONÇALVES¹

Introdução

Esse artigo pretende discutir a escrita feminina como fonte histórica. O uso da palavra escrita pela mulher possibilitou a História das Mulheres encontrar seu objeto em um formato “primário” de locução.

A busca dessas personalidades históricas se insere como um importante objeto de pesquisa e uma forma metodológica de análise, procurando dar voz a personagens a muitos séculos silenciados pelas esferas separadas de poder, seja no mundo social e político, seja no acadêmico.

Nesse artigo procurei abranger como o estudo das biografias contribuiu para endossar essas personalidades na História mais generalizando ao mesmo tempo em que possibilitou vários caminhos para a chamada História das mulheres e para as pesquisas de gênero. Aqui me aproximei da vertente defendida por Louissi Tilly da aproximação da pesquisa das mulheres com a História Social.

No estudo de caso, na análise do meu objeto de pesquisa me detive apenas em suas considerações sobre o ato de escrever. Suas explanações sobre ser uma autora, o direcionamento de sua narrativa, a intenção de suas palavras. Muito mais poderia ser falado. As narrativas de Flora Tristan apresentam uma fonte rica sobre a condição da mulher do século XIX, sobre os ideais do feminismo em seu início, sobre o olhar feminino sobre a sociedade pós-revoluções burguesas. A escolha ao pequeno recorte foi intencional a reflexão sobre a escrita feminina e sobre o encontro da História com essas palavras.

¹ Mestranda em História Social pela Universidade Federal da Bahia. Agradecimento a financiamento pela Capes.

História das Mulheres: a busca das fontes e a biografia como pesquisa

A História esteve desde seus primórdios determinada por seleções. Sejam essas feitas pelo interesse (político) do que era considerado relevante, da forma abordada pelos seus autores, ou pela metodologia determinada pela “academia” do que é uma fonte confiável ao historiador. E dentro desses três grandes processos cabe uma imensidade de outras pequenas seleções.

A Historiografia positivista do século XIX, influenciada pelo modelo cartesiano de metodologia científica, procurou conduzir a pesquisa histórica para uma busca de “verdade científica”. Para isso, a História deveria ser analisada através, e somente, de fontes ditas “oficiais”. Essas fontes determinadas como oficiais eram considerados, basicamente, fontes com o mínimo de subjetividade. Fontes que seguiam um modelo padrão, de funções públicas e determinadas. Em sua maioria, fontes de ofício político, como: processo, leis, ofícios, constituições, comunicados.

Ao nominar tão exclusivamente quais fontes deveria ser analisada pelos historiadores em busca de uma veracidade a vertente positivista do século XIX deixou grande parte dos personagens a margem. A História tradicional se preocupou por muito tempo com a chamada História vista de cima, os grandes nomes, os heróis, a história política, a história dos vencedores.

Grandes foram os silêncios reafirmados pela História. As margens da História tradicional estavam os operários, os prisioneiros, os escravos, os índios, as mulheres. Mesmo após a revolução documental dos Annales, o historiador, que se atreveu pelo meio dos excluídos muitas vezes teve que interpretar os silêncios. Grande parte das fontes disponíveis desses personagens estava sobre as “mãos e vozes” de outras pessoas. Portanto, era necessário buscar, interpretar e ressignificar, também, os silêncios.

A História das mulheres enfrentou desde sempre o dilema do silêncio das fontes. Quando a mulher era encontrada nas fontes oficiais, muitas vezes, eram pelas vozes de

outras pessoas, na grande maioria dos casos sobre as vozes masculinas. Isso porque o ambiente no qual a mulher esteve destina, o ambiente privado, a mantinha na maioria das vezes muda as fontes oficiais. A mulher era silenciada do meio público, e dessa forma, também das fontes analisadas, mantendo o silêncio da História. Para Michelle Perrot: "Essa exclusão, alias, não é senão a tradução redobrada de outra exclusão: a das mulheres em relação à vida e ao espaço público na Europa Ocidental no século XIX." (PERROT, 1988: 186).

A revolução documental possibilitou o uso de fontes mais variáveis pelos historiadores, na qual abria a possibilidade do encontro de personagens até então "invisíveis". Fontes de conteúdo mais pessoal e íntimo, como cartas e diários, entre outras formas da expressão de escrita feminina vieram à tona. Trazendo a possibilidade do encontro da mulher pelas suas próprias palavras.

O século XIX assistiu a um progressivo aumento de mulheres escritoras, entre elas romancistas, viajantes e periodistas. A possibilidade do estudo dentro da escrita feminina preenche um enorme parágrafo em linhas e linhas de silêncio das palavras da mulher. As novas metodologias históricas não apenas tem a possibilidade como o comprometimento com amenizar algumas lacunas ao longo dos séculos.

Acredito que a História das mulheres tenha ainda muito a contribuir nesses espaços vagos e calados da historiografia. Encontrar essas palavras é para os estudos do feminino primordial. Nas palavras da acima citada Michelle Perrot: "(...) o que importa reencontrar são mulheres em ação, inovando suas práticas, mulheres dotadas de vida, e não absolutamente como autômatas, mas criando elas mesmas o movimento da história." (PERROT, 1988: 187).

Para Andréa Lisly Gonçalves a História das Mulheres serviu para "revelar a potencialidade das fontes" que eram consideradas não oficiais. Além disso, as mudanças que foram sendo introduzidas pela História Social, a História Cultural e a Nova História, tais como o uso de fontes do espaço privado foi sendo incorporadas e pela pesquisa da História das mulheres. (GONÇALVES, 2006: 85-86)

Os estudos históricos assistem a uma retomada de alguns métodos já utilizados com anteriormente com expressão. Não sei se é possível indicar uma volta expressiva das biografias, mas elas parecem tomar novamente espaços nas prateleiras. Na História das mulheres o estudo biográfico esteve bem presente e foi defendido por uma celebre teórica do campo dos estudos de gênero.

Para Louise Tilly² a História das mulheres deveria vincular a experiência dessas personagens a problemas gerais da História. A autora defende a História das mulheres, cunhada na História social e analítica, mas que esteja conectada com “questões mais gerais” postas desde sempre a História, ou as demais Histórias. (TILLY, 1994: 41)

A autora define que: “uma história social voltada para uma análise de problemas oferece uma possibilidade real de operar uma ligação entre o conhecimento de gênero, experiência das mulheres no passado e história em geral.” (TILLY, 1994: 30-31) Tilly defende que a maior contribuição da abordagem descritiva dentro da História das mulheres foi evidenciar as experiências. (TILLY, 1994: 36.) Buscar esses personagens trazê-las a tona, a História das mulheres possibilitou amenizar o silêncio histórico dessas vozes.

Para Andrea Gonçalves a reconstrução das biografias dentro da História das mulheres foi o desdobramento do feminismo dos anos 1970 e 80, que a autora chama de fase mais heroica do feminismo. A princípio as biografias surgiram reconstituindo a participação de mulheres célebres na História. Sublimando a participação dessas personagens em que a História referia apenas a participação masculina. (GONÇALVES, 2006: 90-91)

As biografias continuaram ganhando espaço e a História das mulheres hoje busca reconstituir não apenas biografias de mulheres em posição de descasque na sociedade, como as militantes e rebeldes, as opositoras, as feministas. Além da História do cotidiano que vai buscar mulheres “anônimas” na reconstituição da vida social de mulheres comuns, tão importantes quanto às outras para determinados fatores.

² Esse artigo ficou conhecido pela crítica ao renomado artigo de Joan Scott, Gênero: uma categoria de análise histórica. Utilizo unicamente as considerações de Tilly pela sua aproximação com o uso de biografias dentro da História das mulheres. No entanto, corroboro com muitas das considerações e utilizo em meu trabalho como embasamento teórico o artigo de Joan Scott.

Na busca dessas mulheres, como objeto de pesquisa, colocando suas experiências como desafio de análise direcionaram novos e antigos estudos para outra perspectiva. Afinal, a História é sempre um emaranhado de rearranjos, em que cada ângulo ou posição pode conferir um novo entendimento.

Voltando a posição de Tilly sobre a História das mulheres, a autora enfatiza a importância de esses trabalhos biográficos estarem vinculados a explicações analíticas com problemáticas mais gerais. Para ela os melhores trabalhos buscam conciliar a experiência individual dessas mulheres com temas abrangentes da História. Segundo Tilly: (...) eles se esforçam por vincular estas vidas a outros temas históricos, como o poder das ideias ou as forças que governam as transformações estruturais. Procedendo desta maneira, a história das mulheres já mudou nossa percepção do que é importante na história.”(TILLY, 1994:41)

Certamente o que se apresenta como possibilidade de um bom estudo biográfico das mulheres não é uma tarefa fácil, muito menos simples. Mas, reconstituir as histórias pessoais abarcando as problematizações gerais é no mínimo sedutor, e amplia metodologicamente as pesquisas biográficas.

Flora Tristan: as palavras, a escrita.

A seleção das partes do texto de Flora Tristan para esse artigo foi demasiadamente pontual, me detive em suas explanações sobre o ato da escrita, sobre o ato de sua própria escrita. Muito mais poderia ser falado sobre a fonte utilizada. Detive-me na busca de fontes para encontrar as palavras escritas pelas próprias mulheres.

Ao escrever sobre si mesma e suas motivações Flora Tristan nos entrega também uma fonte da escrita de si e da escrita de memória. Que remete a busca ou a afirmação de uma determinada identidade. Nesse caso, ser escritora para ela e a motivação de escrever remete a uma entrega, a um engajamento. Como processo de suas demais experiências, a de mulher, a de feminista, a de viajante.

Flora Tristan era filha de uma francesa com um militar peruano, com a morte precoce de seu pai e o casamento sendo considerado ilegítimo³, Flora e sua mãe ficaram desamparadas aos olhos da justiça. A viagem de Flora Tristan ao Peru em 1833 foi uma tentativa de um possível reconhecimento de sua família paterna, Tristan nessa época estava separada e com três filhos pequenos.

Essa “aventura” na América deu início aos escritos da autora em sua volta a Europa, e a narrativa de sua viagem foram transformadas em sua primeira grande obra intitulada *Peregrinações de uma Pária*. A obra foi publicada em 1838, na qual a autora já apresenta uma escrita marcadamente preocupada com a condição da mulher, uma escrita fortemente feminista.

A busca de uma fonte escrita por mãos femininas e não por representações da mulher, ou por testemunhos secundários levou ao encontro de fontes mais íntimas e subjetivas. Muitos são os trabalhos que vão procurar a “voz” feminina através de diários, cartas, escritos pessoais em geral é claro, relatos de viagem.

De acordo com Tania Quintaneiro a experiência de viajar foi mudando de forma ao passar do século XVIII, foi se tornando uma experiência mais ampla do que curiosidade e adquirindo um caráter de conhecimento e complemento de educação. De acordo com a autora “o mundo passou a ser visto como uma grande escola; percorrê-lo contribuía para o amadurecimento do espírito e do intelecto e para a aquisição de um horizonte cultural indispensável à época moderna.” (QUINTANEIRO, 1995: 105) Marianne North vai argumentar que o estilo do gênero literário vai se consolidando exatamente pela moda do chamado Grand Tour, para complementar a educação dos jovens homens. (NORTH, 2001: 18)

No século XVIII ainda eram poucas as mulheres que se aventuravam sozinhas em viagens embora de acordo com North esses textos apesar de se associarem “a uma atividade na esfera externa à casa, ele se situava na linha da literatura confessional,

³ Mariano Pio Tristan (pai de Flora) não solicitou a permissão ao rei Espanhol como deveria e Anne-Pierre (mãe de Flora) não regularizou a união no consulado francês. Ao que tudo indica a cerimônia foi clandestina.

considerada mais feminina”. (NORTH, 2001:18) E essa característica era um atrativo a mais o que ainda segundo a autora era uma literatura que ganhava popularidade, perdendo apenas para o romance.

O século XIX é o que North vai chamar de o século de ouro para a literatura de viagem escritas por mulheres, de acordo com ela isso se deve pela melhoria dos sistemas de transportes e de comunicações; a entrada de mulheres em várias áreas profissionais e a crescente movimentação da esfera privada para a pública. (NORTH, 2001: 18)

Acredito que os relatos de viagem escritos por Flora Tristan apresentam uma fonte riquíssima do período, a expansão de viagens e da escrita feminina. Além de através de suas obras é possível, então, traçar uma reflexão sobre a dialética do particular e geral, do singular e universal, desdobrando a relação indivíduo e sociedade, na qual o indivíduo modifica a sociedade e a sociedade modifica o indivíduo, e ambas são partes fundamentais para a compreensão da história. Dessa forma, lançando uma visão crítica sobre as condições sociais que concebem mulheres que se destacaram como Flora Tristán (VERGARA, 1999: 223-251). Através de suas obras é possível enxergar condições típicas da sociedade do século XIX, a exclusão feminina, mas é possível constatar as singularidades, a ousadia das mulheres que “saíam” de casa, quanto mais àquelas que viajavam sozinhas e transpunham a linha do privado para o público, como Flora Tristán fez realizando suas viagens e publicando seus relatos.

Essas fontes de cunho pessoal e subjetivo apresentam um caráter de responsabilidade e de “entrega” do autor que Flora não apenas valorizava como fazia questão de imprimir esse tipo de escrita. Ela escreve:

A maior parte dos autores de memórias contendo revelações não quis que elas aparecessem senão quando o túmulo os tivesse encoberto da responsabilidade de seus atos e palavras, seja porque fossem retidos por susceptibilidade de amor-próprio ao falar de si mesma ou pelo temor de fazer inimigos falando de outrem; seja porque temessem as recriminações ou os desmentidos. Agindo assim, eles

enfraqueceram seu testemunho, a quem não se deu fé senão quando os autores da época o confirmaram.⁴

Para Quintaneiro os livros de viagem constituem fontes férteis para a História social, porém é necessário ter os cuidados com os “olhares” do viajante. Tanto com a possível falta de conhecimento de outra cultura o que poderia fazer “interpretar mal” o que o viajante observa, seja por diversos preconceitos carregados de sua cultura, de sua sociedade e sua história. Tais como Konder enxerga na francesa Flora Tristan sobre o olhar carregado para Londres e seus cidadãos. Entre tanto de acordo com Quintaneiro essa marca de registrar um impacto de uma realidade cultural pouco conhecida é um dos atrativos da literatura de viagem.

North recorre às conclusões de Pratt sobre o olhar imperial dos viajantes. “O olhar feminino faz parte do empreendimento colonial, pois os textos contribuem para a construção dos saberes e representações do império.” O olhar do viajante está sempre imbuído de sua própria cultura, de seus próprios valores ou de seus valores culturais. (NOTH, 2011: 24)

Por mais que Tristan apresente uma visão de pensamento ligada ao “socialismo” e sua radical insatisfação com as injúrias da dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino não se pode descartar o seu olhar europeu e a sua educação moral e cristã. Fougues vai definir sobre o discurso de Flora que diretamente ou indiretamente condicionado pelos seus valores judaico-cristãos vai sempre oscilar entre “o radicalismo feminista, o filantropismo social e o elitismo intelectual.” (FOUGUES: 16)

Em seu livro Mary Louise Pratt análise diversos relatos de viagem, a autora vai definir os relatos através do que ela vai chamar de “zonas de contacto”. (PRATT: 27) Para a autora as zonas de contato seriam os espaços sociais onde culturas diferentes se “encontram, se chocam e se entrelaçam” que de acordo com Pratt é frequentemente em relações “assimétricas de dominação e subordinação”. (PRATT: 27)

⁴ TRISTAN, Flora. Peregrinações de uma Pária. 1938: p. 37.

Logo no início de seu relato ao Peru, Tristan descreve a sua função enquanto narradora de uma experiência e enquanto o seu olhar “engajado”, na qual ela já demonstrava afinidades com o pensamento feminista.

Se se tratasse unicamente de repostar os fatos, os olhos bastariam para vê-los; mas para apreciar a inteligência e as paixões do homem, a instrução não é a única necessária, é preciso ainda haver sofrido, e sofrido muito; pois não há senão o infortúnio que possa nos ensinar a conhecer ao certo o que valem os outros. É preciso, além disso, haver visto muito, a fim de que, despojados de todo preconceito, consideremos a humanidade de um outro ponto de vista que não o de nossa paróquia; é preciso, enfim, ter no coração a fé do mártir. Se a expressão do pensamento é detida por consideração pela opinião de outrem, se a voz da consciência é abafada pelo temor de se fazer inimigos ou por outras considerações individuais, falha-se em sua missão, renega-se Deus.⁵

Em um discurso sempre inflamado da importância de seu trabalho e do seu dever, Flora acredita nas mudanças que poderiam vir com a sua ação assim como a de outros “engajados”. Trintan quase nunca apresenta um discurso modesto em relação às suas intenções e ao alcance do seu trabalho. E nesse trecho em especial remete o valor dos seus infortúnios pessoais à sua forma de enxergar a humanidade e suas ideias enquanto escritora.

Considerações Finais

O ato de escrever possibilitou as mulheres serem “encontradas” pelos historiadores, e remediou uma silenciosa falha da História. Os pesquisadores da História das mulheres puderam encontrar as palavras, reconduzir um processo de reconstituição dessas memórias.

⁵ TRINTAN, Flora. *Peregrinações de uma Pária*. 1838: p. 38 e 39.

As transformações político sociais do século XIX, decorrentes das Revoluções burguesas, possibilitaram e ampliaram formas de sociabilidade. A escrita feminina experimenta pela primeira vez seu auge, mulheres autoras relatam seus cotidianos, suas ideologias, suas aspirações.

O ato de escrever, seja como ousadia, como militância ou como ofício reconfigura a perpetuação da memória dessas mulheres, anônimas ou de status social renomado, elas se inserem na História da humanidade por meio de suas próprias palavras. A História das Mulheres tem uma séria missão de resgatar essas personagens, de “ouvi-las”, de traduzir, de trazer suas memórias para a pesquisa e para endossar e/ou resinificar o estudo das demais Histórias.

Referências Bibliográficas:

Fonte:

TRISTÁN, Flora. *Peregrinações de uma pária*. Santa Cruz do Sul. Editora Mulheres e EDUNISC, 2000.

DUBY, Georges., PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente. O Século XIX*. Edições Afrontamento.

FORGUES, Roland. “O discurso ‘feminista’, social e político de Flora Tristan.” In: TRISTAN, Flora. *Peregrinações de uma Paria*. Santa Cruz do Sul, Editora Mulheres e EDUNISC, 2000.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & Gênero*. Belo Horizonte: Antêtica. 2006

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

PERROT, Michelle. “Práticas da memória feminina”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 9, nº 18, 1989.

_____. *Os Excluídos da História*. Trad. De Denise Bottmann. 4ª Edição. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2006. p. 186.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

SCOTT, Joan W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

TILLY, Louise. Gênero, História das mulheres e história social *Cadernos Pagu*. Desacordos, desamores e diferenças. Campinas: Unicamp, 1994.